

COMUNICAÇÕES

OS ESTUDOS ESTÉTICOS DE BENEDETTO CROCE NA CENA BRASILEIRA, EM COMEMORAÇÃO AO JUBILEU DE SEU FALECIMENTO

Humberto Aparecido de Oliveira Guido*

A atividade filosófica no Brasil tornou-se realidade efetiva a partir do terceiro decênio do novecentos. Em breves palavras, a filosofia no setecentos foi praticada pelos jesuítas em seus colégios, com a única finalidade de formação de quadros para o trabalho pastoral no Brasil colonial. O oitocentos foi preenchido pelas expectativas de modernização da sociedade brasileira com a introdução da doutrina positivista. Somente com a criação da primeira universidade, a Universidade de São Paulo, na cidade do mesmo nome, no final do terceiro decênio e com o processo de urbanização iniciado na mesma época, é que começou o estágio de emancipação da cultura brasileira. Esse período coincide com as visitas das missões culturais francesas para o desenvolvimento da universidade brasileira. Contudo, a influência francesa não foi a única. No campo filosófico, a contribuição francesa teve caráter metodológico e estimulou o trabalho aplicado à história da filosofia. No âmbito dos estudos estéticos e literários é notável a adesão dos estudiosos brasileiros à cultura italiana; uma cultura, que graças ao movimento de imigração, penetrava na vida brasileira para se efetivar como traço marcante da formação cultural do Brasil contemporâneo.

Este estudo é dedicado à discussão da recepção das idéias de Croce no campo da teoria literária e da filosofia da arte. As obras estéticas de Croce foram lidas e introduzidas na vida acadêmica brasileira, auxiliando na constituição dos estudos críticos sobre as artes

* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia; Coordenador do Grupo de Estudo da Filosofia de G. Vico.

em geral e a literatura em especial. grandes expoentes da cultura brasileira dedicaram páginas célebres ao estudo aprofundado da pensamento filosófico de Croce. O prestígio dos autores e o valor dos escritos atestam a importância do pensador italiano no período de formação da vida acadêmica brasileira durante o novecentos. Esses escritos são lembrados aqui com o propósito de resgatar a contribuição deixada por Croce para o desenvolvimento de estudos e pesquisas no campo das artes. A presença de Croce na vida cultural brasileira atesta também a hereditariedade italiana da cultura brasileira, pois, o Brasil moderno é o resultado da convivência harmoniosa dos elementos autóctones e a cultura italiana, introduzida em território brasileiro pelos imigrantes que aqui chegaram a partir do final do oitocentos.

A galeria de personagens ilustres da cultura brasileira que se dedicou ao estudo da obra de Croce é considerável, porém, os autores aqui mencionados e os seus respectivos escritos são os testemunhos mais significativos da presença do pensamento de Croce na cultura brasileira. Nas páginas seguintes são apresentadas as interpretações do pensamento de Croce feitas pelos intelectuais brasileiros. em que epe as divergências — de interpretação ou de interesse — essas interpretações têm em comum o mérito de compreender o esforço do pensamento de Croce em favor da emancipação da sociedade, não a sociedade italiana ou a sociedade brasileira, mas a emancipação de brasileiros e de italianos, de americanos e de europeus para a promoção da sociedade humana.

Coube ao italiano radicado no Brasil, Romano Galeffi, professor de Estética na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia em meados do século passado, o mérito de ter primeiro escrito sobre a estética de Croce. Em 1954, dois anos após a morte do pensador italiano, Galeffi apresentou a sua tese de livre docência dedicada a Croce, com o título *A autonomia da arte na estética de Benedetto Croce*¹, que em 1966 seria publicada em Portugal. Este primeiro trabalho, em virtude da sua natureza acadêmica, consiste em uma monografia dividida em duas partes, a primeira é dedicada à formação da

¹ R. GALEFFI, *A autonomia da arte na estética de Benedetto Croce*, Coimbra: Atlântida Editora, 1966.

disciplina estética, sempre que possível, o autor confronta as idéias dos filósofos de além Alpes com a teoria de Croce. Curiosamente, é na segunda parte da tese que aparece a biografia e o comentário crítico às obras de Croce, seguida da discussão conceitual das idéias estéticas de Croce. Uma constatação que pode ser feita, é que o autor valorizou mais as influências externas que aturam sobre a formação de Croce, dando menor importância para a inspiração decisiva que Croce encontrou na redescoberta da obra de Vico. Pelo seu caráter generalista, e por se tratar de um catedrático italiano, o trabalho de Galeffi não aprofunda a questão estética em termos filosóficos, dando como consensual os embates de Croce em favor da autonomia da arte e da liberdade poética do artista. Porém, é inegável que o livro de Galeffi é indispensável para a iniciação aos estudos estéticos de Croce.

Coincidentemente, o livro de Galeffi foi publicado em Portugal no ano do jubileu de Croce. Esta não foi a única iniciativa, o jubileu foi também celebrado no Brasil com a publicação de outro livro, elaborado por professores do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Nesta obra a fortuna de Croce não se limita à estética, outros temas da sua filosofia são discutidos com intensidade. Tendo por título o nome de Croce², o livro é composto de três ensaios. Abrindo o livro, o ensaio de Ricci apresenta as linhas gerais do pensamento de Croce, faz uma classificação sumária das obras em quatro tópicos: a filosofia do espírito, os ensaios filosóficos, os escritos de história literária e política, e, por fim, os escritos diversos. No juízo do professor brasileiro, Croce é o grande representante da cultura italiana do novecentos, não cabendo apresentá-lo como neo-hegeliano, pois, a sua filosofia tem autonomia diante da influência marcante da filosofia hegeliana, sendo que, tanto a influência de Hegel como aquela de Vico, nunca foram omitidas por Croce. O mérito do escrito de Ricci foi o de compreender a filosofia de Croce como o resultado do confronto do filósofo com as situações concretas da vida, e prossegue em sua interpretação:

² A. RICCI, G. CESAR & V. ROHDEN, *Benedetto Croce*, Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1966.

[...] o conhecimento efetiva-se sempre e somente, como exame e discussão de um problema levantado pela vida. Nada, portanto, de paradigmas abstratos ou de esquemas ou funções dialéticas que, duma maneira ou de outra, possam cindir a unidade do Espírito.³

Entre os diversos escritos brasileiros dedicados ao pensamento filosófico de Croce, o traço comum é a intuição. Mesmo quando o enfoque da obra de Croce é feito por professores de filosofia que não se ocupam diretamente da estética, é notável que a intuição seja colocada como o fundamento para a abordagem conceitual das criações humanas, tanto artísticas, quanto políticas. O ensaio de Ricci promove a leitura de Croce vinculada à filosofia hegeliana, tal expediente, embora não seja equivocado, subtrai aspectos muito originais do pensamento croceano. Retornando à intuição, Ricci, a define em termos croceanos da seguinte maneira: “intuição (logo, arte) é a transposição ou tradução (melhor) dos sentimentos em imagens”⁴.

É difícil encontrar no texto de Ricci a distinção necessária entre o fazer do homem comum, que também é afetado pelas volições e pelos sentimentos, e o artista. O que difere a imagem, que expressa uma vontade imediata de humildes pescadores de uma aldeia da Sicília, da construção poética de Giovanni Verga que escreve sobre a condição humana de pobres pescadores? A explicação aventada por Ricci toma a técnica como a instância de composição artística, porém, não é explicada a diferença do agir humano em condições concretas de existência, e o trabalho solitário do artista em seu ateliê.

O ensaio de Ricci é concluído com a discussão da relação entre arte e linguagem. a metáfora é o que há de comum entre a linguagem e arte, de maneira que, nem em seus extremos a prosa e a poesia são estranhas entre si, pois, são compostas pela mesma essência, que é a linguagem metafórica, a diferença entre prosa e poesia está na forma, sendo a poesia a expressão metafórica do conhecimento intuitivo, ao

³ *Op. cit.*, p.15.

⁴ *Ibid.*, p. 22.

passo que, a prosa é na mesma medida expressão metafórica intelectualizada. Em suas últimas palavras, Ricci tenta uma vez mais responder ao paradoxo da intuição, a distinção entre a existência imediata e a vida do poema imortalizada pelo artista da palavra, diz Ricci

A diferença entre uma obra de arte excelente e universalmente reconhecida e uma simples expressão clara, viva, natural da vida cotidiana do mais humilde dos homens, não consiste na importância dos sentimentos expressos (grau de elevação, intensidade, profundidade, etc.). A diferença não é de natureza essencial.⁵

Mas resta a pergunta, em que consiste a diferença? A espontaneidade da vida, a autonomia da pessoa humana, a sua intuição, essas são as possibilidades para adentrar a diferença, valor supremo da individualidade.

O segundo ensaio, escrito por Guilhermino Cesar não seguiu a inspiração hegeliana com a qual Ricci havia dissertado sobre Croce, o texto de Cesar é quase todo dedicado à refutação da permanência de Croce no espectro da filosofia hegeliana. Valendo-se dos escritos do próprio Croce, e ainda de depoimentos de críticos italianos, Cesar afirma o anti-hegelianismo de Croce, para o qual a estética de Hegel é, para o presente, um elogio fúnebre dirigido à arte com tamanha altivez, que acaba por reduzi-la a quase nada⁶.

Croce viveu um tempo de sectarismo científico. De um lado o positivismo, do outro, o materialismo dialético, tanto um quanto o outro são paradigmas que almejam reduzir tudo à pura realidade dos fatos, mais radicais do que Kant, os seguidores de Comte e Marx, querem ser os porta-vozes da realidade em si, excluindo qualquer intermediário, admitindo somente o discurso da ciência. Diante dos extremos, Croce optou pelo humanismo, tão bem definido por Cesar:

⁵ *Ibid.*, p.36.

⁶ *Ibidi.*, p. 52

Qualquer que seja a nossa posição diante do pensador a quem devemos tal obra, algo subsiste fora de nenhuma dúvida: a mente crociana realizou a aventura do verdadeiro filósofo: procurou sempre. Durante mais de meio século, buscou completar a sua metódica — retificando, ampliando, ratificando ou documentando-a — e nisto é que encarnou realmente a sã curiosidade filosófica, na paixão das idéias, na lealdade a si mesmo, à unidade intrínseca do seu pensamento.⁷

A linguagem é o tema do ensaio de Valério Rohden. O conceito de linguagem em Benedetto Croce, é um trabalho de inigualável valor hermenêutico, que oferece a interpretação do pensamento de Croce acompanhado do estudo cuidadoso das fontes inspiradoras que motivaram a sua atividade filosófica. Mais ainda, Croce foi capaz de tentar desvelar aquilo que permaneceu oculto nas obras de Vico e De Sanctis.

Os escritos estéticos de Croce, *Estetica come scienza dell'espressione e linguistica generale* e *Breviario di estetica*, são ótimos exemplos de subversão ao formalismo empregado para tratar da produção artística, aqui fica implícita a distinção entre a lógica da produção artística e a lógica da crítica estética, que na maioria das vezes não é observada e que provoca a falência da obra de arte, que torna-se refém da crítica e procura, antes de tudo, agradar aos críticos de arte. A respeito do formalismo, assim se expressou Rodhen:

Próprio do formalismo é confundir pensamento e palavra, enquanto se reduz a procurar na linguagem a determinação dos elementos lógicos do pensamento. O pensamento, ao mesmo passo em que só tem realidade de pensamento na expressão humana, mantém a sua autonomia e características próprias. Ele não pode ser definido simplesmente por meio de formas verbais, porque, enquanto estas obedecem às leis do espírito estético, aquele obedece às leis da logicidade.⁸

⁷ *Ibid.*, p. 59.

⁸ *Ibid.*, p. 66/67.

A linguagem é a expressão vital, a primeira manifestação tipicamente humana, que define a natureza espiritual do ser humano, ou seja, é próprio do humano a criatividade, ser humano é estar criando permanentemente⁹. Na linguagem é possível a compreensão da ontogênese e da filogênese, pois, a mesma linguagem é a integração do individual no coletivo, assim como é o coletivo que atua sobre o individual, “nisto reside a sua historicidade de só terem significação num determinado contexto como fato histórico singular”¹⁰. O ensaio de Rohden prossegue fazendo comentários sobre a relação entre a arte e a linguagem, procurando interpretar o significado da imagem como representação sensível que se dirige ao pensamento lógico ou conceitual¹¹, para concluir “que existe uma independência da linguagem com relação ao pensamento lógico, mas o pensamento lógico não existe sem a linguagem”¹². Longe de querer participar das polêmicas acendidas pelas psicologias descritiva e comportamentalista, Croce quis identificar “a linguagem como ato essencialmente espiritual e humano”¹³. Rohden, no campo da filosofia, foi quem melhor percebeu a riqueza do pensamento de Croce. A linguagem é o ponto de interseção entre a lógica e a arte, da mesma maneira que a intuição é o ponto nodal da construção do significado lingüístico e artísitico das manifestações humanas. A seguir a linguagem passará a ser tratada pelos críticos literários brasileiros, que ao lado de Rohden, são os melhores interpretes do pensamento de Croce entre os brasileiros.

Ainda no mesmo decênio do Jubileu, Antonio Candido de Mello e Souza, conhecido pelo público brasileiro como Antonio Candido, fazia referência à estética de Croce em seus cursos de Teoria Literária na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da

⁹ *Ibid.*, p. 70.

¹⁰ *Ibid.*, p. 70.

¹¹ *Ibid.*, p. 74.

¹² *Ibid.*, p. 77.

¹³ *Ibid.*, p. 78.

Universidade de São Paulo. Antonio Candido é um dos maiores expoentes da cultura brasileira de todos os tempos, é também o responsável pela formação de grandes pesquisadores e teóricos das artes literárias, entre os quais destaca-se Alfredo Bosi, professor na mesma instituição.

A autonomia da imagem poética foi um dos temas abordados por Antonio Candido em seus cursos universitários, ele trata do tema no estudo intitulado "O destino das palavras no poema", afirmando que Croce "utiliza a palavra "poesia" como indicativa de todas as formas de criação literária, independente de meios como o verso e a prosa, ou de gêneros, cuja existência não reconhece"¹⁴.

Em um dos seus trabalhos mais consagrados, *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido é mais enfático na elucidação da contribuição de Croce para a arte poética, ressaltando que o filósofo italiano considera os condicionamentos externos que atuam na produção artística, sem tomar tal afirmativa como o determinismo da produção artística. A estética idealista de Croce tem

*o mérito de assinalar este aspecto intuitivo e expressivo da arte, vendo a poesia, por exemplo, como um tipo de linguagem, que manifesta o seu conteúdo na medida em que é forma, isto é, no momento em que se define a expressão. A palavra seria pois, ao mesmo tempo, forma e conteúdo, e neste sentido a estética não se separa da lingüística.*¹⁵

A forma e o conteúdo da imagem poética, ou o significado da metáfora, foram tratados com rigor incomparável pelos críticos literários brasileiros mencionados acima. Apesar de haver em todas as afirmações dos autores brasileiros a referência explícita a Croce, o pensador italiano é, sem dúvida, uma presença significativa no quadro filosófico de Antonio Candido e Alfredo Bosi.

¹⁴ A. C. de Mello e Souza, O destino das palavras no poema. In *O estudo analítico do poema*, São Paulo, Humanitas Publicações, 1996, p. 71.

¹⁵ A. C. de Mello e Souza, *Literatura e Sociedade*, São Paulo, T. A. Queiroz, 2000, p. 20/21.

A vida acadêmica de Bosi está muito próxima da filosofia, seus escritos sobre a literatura brasileira e mais recentemente, sobre a cultura brasileira, são também magníficas páginas de filosofia. Bosi sempre reservou em seus livros um espaço para comentar os autores italianos. Em seu livro de 1988, *Céu, inferno. Ensaios de crítica literária e ideológica*, ele dedicou a segunda parte do livro aos autores italianos do oitocentos e do novecentos: Giovanni Verga, Luigi Pirandello, Carlo Emilio Gadda, Antonio Gramsci, Giuseppe Ungaretti, Alberto Moravia, Pier Paolo Pasolini e Umberto Eco. Essas páginas são acompanhadas de referências diretas e indiretas a Croce, é justamente no ensaio dedicado a Pirandello que Bosi apresenta uma avaliação do juízo estético de Croce, para quem a “arte precisa viver justamente equidistante do momento lógico e do desafio emocional, nem além nem aquém da síntese poética”¹⁶.

Em um trabalho para fins didáticos, *Reflexões sobre a arte*, Bosi retoma com intensidade a Estética de Croce para formular a crítica ao convencionalismo da classificação das obras literárias segundo os gêneros fixados pela *Poética* de Aristóteles¹⁷.

É de autoria de Bosi o prefácio à edição brasileira do *Breviário de Estética* de Croce¹⁸, publicada tardiamente em 1997. Para Bosi, a estética de Croce é a hermenêutica da imagem poética, que promove a análise da linguagem poética de maneira original, evitando as convenções tradicionais fixadas por Aristóteles. Para Croce, segundo Bosi, classificar determinada obra como romanesca, ou épica, ou dramática, ou lírica, não equívale à interpretação da imagem poética, pois, essas classificações apresentam apenas a análise estrutural da obra literária, sem atingir, contudo, a intuição do artista.

A análise de Croce foge ao convencionalismo classificatório que imperou durante os últimos trezentos anos, desde a formalização

¹⁶ A. Bosi, O outro Pirandello, in *Céu, inferno. Ensaios de crítica literária e ideológica*, São Paulo, Editora Ática, 1988, p. 184.

¹⁷ A. Bosi, *Reflexões sobre a arte*, São Paulo, Editora Ática, 1999, p. 20.

¹⁸ Bosi foi também o autor da apresentação da vida e da obra de Vico para a primeira edição brasileira da *Scienza nuova* de Vico em 1974.

dos estudos estéticos por Baumgarten, até os últimos progressos da crítica literária estruturalista dos anos 60 do novecentos. Bosi ressalta esta virtude do trabalho crítico de Croce, que evitou o trabalho de análise classificatória dos gêneros literários para empreender a discussão sobre a intuição poética. No lugar das classificações intelectualísticas. Croce buscou encontrar o gênio do artista “mediante a descoberta do motivo inspirador” da obra poética¹⁹.

Croce fez uso da lírica para se referir à obra literária, desse modo o que interessa ao crítico é a intuição do artista, é lea que confere autonomia para a obra literária. Esta constatação revela também a assimilação do pensamento de Hegel, que vê a intuição como um momento do espírito, que ainda não tem existência na realidade, contudo, ele existe como possibilidade, a arte poética é o vir-a-ser do conceito, da idéia que o artista intui e externaliza como representação sensível do absoluto na arte. Nas palavras de Bosi: “Croce levou firmemente às últimas conseqüências a revolução romântica e aprofundou as exigências de liberdade e de subjetividade que atravessam toda a cultura literária ocidental desde a crise do *Ancien Régime* estético”²⁰.

A lírica como predicado para toda a arte poética, colocou Croce em desacordo com alguns segmentos das ciências sociais que, desde o século passado, se arvoram em críticos da produção dos fenômenos simbólicos²¹, pois, estas ciências captam o seu objeto de estudo de maneira empírica. Para Croce, a intuição é a força motriz da produção de imagens poéticas, ela “não é um momento prático do espírito”²².

Contra as vanguardas marxistas que pretendem reduzir a obra de arte ao formalismo dos determinantes externos,

¹⁹ A. Bosi, A estética de Benedetto Croce: um pensamento de distinções e mediações. In B. Croce, *Breviário de Estética*, São Paulo, Editora Ática, 1997, p. 14.

²⁰ *Ibid.*, p. 17.

²¹ *Ibid.*, p. 18.

²² *Ibid.*, p. 18.

*Croce situa-se invariavelmente no nível das diferenças qualitativas. Não são as idéias que produzem as imagens do poema; são as intuições dos sentimentos eventualmente associados àquelas idéias, àqueles valores. Idéias formalizam-se em conceitos. Valores concretizam-se em projetos. Mas só imagens afetadas de phatos urdem o tecido do poema.*²³

Por mais cambiante que possa ser a arte durante as diversas fases da história, algo permanece, é a intuição que concretiza o sentimento poético e dá forma à obra de arte. A análise de Bosi traz à luz esta importante distinção, nem sempre o crítico de arte atua enquanto tal, por vezes ele cumpre o ofício do historiador positivista que apenas fixa os momentos isolados da produção artística, sem levar em conta que há um antes e um depois que é mediado pela obra de arte. Por seu turno, o historiador da arte, quando livre das convenções e dos formalismos que tomam a arte como abstração, ele cumpre sua função indo mais além do que o crítico de arte, pois, o historiador consegue ir transpor o material, para atingir dialeticamente a nebulosidade da intuição, sem ter a pretensão de querer interpretá-la em estado puro, porque o historiador sabe que a intuição se mostra como imagem poética. Bosi interpreta o pensamento de Croce com as seguintes palavras

*As intuições do artista só se relacionam com as atividades práticas do seu tempo mediante a presença de sentimentos e de estados de alma que a vida cotidiana provoca em todos os indivíduos, dentre os quais os mais sensíveis são precisamente os poetas.*²⁴

O historiador da arte e da cultura consegue, em termos crocianos, atingir o *medium* inter e intra-subjetivo da intuição, este *medium*, já foi dito aqui, é a imagem poética, assim, o historiador é

²³ *Ibid.*, p. 19.

²⁴ *Ibid.*, p. 22.

capaz de voltar o seu olhar para para o sentimento que outrora existia como intuição poética, e que na obra se mostram como forma artística. É preciso existir no historiador a sensibilidade para enxergar na obra mais do que o material sensível, quando existe esta identidade entre o historiador e o artista, a humanidade consegue fazer de si mesma a sua síntese histórica e cultural, avançando no tempo com uma consciência renovada que permite a imanência da obra de arte como manifestação espiritual de um povo, de uma nação e de toda a humanidade.

Em uma palavra, a intuição é o conceito central da teoria estética de Croce. O teórico brasileiro — o historiador da literatura brasileira²⁵ — assimilou com rigor a tese de Croce, pois tem sido nos últimos decênios um dos intelectuais mais ativos, extrapolando com suas obras os limites da literatura para se dirigir à vida cultural brasileira, atingindo aí, em uma “descrição imanente”, os seus componentes econômicos, étnicos, sociais, artísticos e políticos. Em 1992, Bosi publicou a *Dialética da colonização*, em poucos anos este livro tornou-se um clássico e leitura obrigatória para a compreensão da formação da cultura brasileira. Nesta obra Bosi conseguiu evitar aqueles defeitos praticados com frequência por certos homens de letras, cuja presunção é maior que a sua erudição. As palavras de Bosi dirigidas a Croce, podem muito bem, e com justiça, serem endereçadas, neste momento, ao próprio Bosi, pois, assim como Croce, o crítico brasileiro não incorreu no pedantismo acadêmico, nem se serviu de pseudoconceitos que não passam de “generalizações capengas de tendências psicológicas e culturais dispares”²⁶.

²⁵ É assim que Bosi refere-se a si mesmo no Posfácio escrito em 2001 para uma nova edição do seu livro *Dialética da colonização*, São Paulo, companhia das Letras, 2002, p. 385.

²⁶ *Ibid.*, p. 13/14.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, A. O outro Pirandello. In: _____. *Céu, inferno. Ensaios de crítica literária e ideológica*, São Paulo: Editora Ática, 1988.

_____. *Reflexões sobre a arte*, São Paulo: Editora Ática, 1999.

_____. A estética de Benedetto Croce: um pensamento de distinções e mediações. In: CROCE, B. *Breviário de Estética*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

_____. *Dialética da colonização*. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GALEFFI, R. *A autonomia da arte na estética de Benedetto Croce*, Coimbra: Atlântida Editora, 1966.

MELLO E SOUZA, A. C. de. O destino das palavras no poema. In: _____. *O estudo analítico do poema*, São Paulo: Humanitas Publicações, 1996.

_____. *Literatura e Sociedade*, São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

RICCI, A., CESAR G. & ROHDEN, V. *Benedetto Croce*, Porto Alegre: Edições da Faculdade de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1966.